

ANÁLISES DA ICONOGRAFIA DE DIREITA NAS REDES SOCIAIS: O USO DE CHARGES PARA A DISSEMINAÇÃO DO ANTICOMUNISMO

ANALYSIS OF FAR-RIGHT ICONOGRAPHY ON SOCIAL NETWORKS: THE USE OF CHARGES TO DISSEMINATE ANTICOMMUNISM

Gabriel Lopes Silva

Resumo: Este artigo tem como cerne analisar a página intitulada "Sociedade Ilustrada" da rede social *Instagram*, que ataca movimentos de minorias, instituições públicas e que possui um discurso anticomunista, apresentando um viés alinhado à extrema direita brasileira. A página sugere leituras de Olavo de Carvalho e Ana Caroline Campagnolo, reforçando perspectivas anticomunistas e antifeministas. A representação visual das charges enfatiza a submissão e desqualifica grupos minoritários. Dessa forma, iremos utilizar as charges compartilhadas pelo perfil como fontes a serem analisadas, apoiando a investigação em obras bibliográficas de autores que dialogam com a temática em questão. A iconografia, a crítica às universidades públicas, o anticomunismo refletem um discurso alinhado ao bolsonarismo, que desqualifica e estigmatiza instituições de ensino e humanidades.

Palavras-chave: Iconografia; Extrema direita; Anticomunismo.

Abstract: This article focuses on analyzing the Instagram account titled "Sociedade Ilustrada," which targets minority movements, public institutions, and promotes an anti-communist discourse, exhibiting an alignment with the Brazilian far-right. The account recommends readings by Olavo de Carvalho and Ana Caroline Campagnolo, reinforcing anti-communist and anti-feminist perspectives. The visual representation in the caricatures emphasizes submission and disqualifies minorities. Thus, we will use the caricatures shared by the profile as sources to be analyzed, supporting the investigation with bibliographic works by authors who engage with the topic at hand. The iconography, criticism of public universities, and anti-communism reflect a discourse aligned with bolsonarism, which discredits and stigmatizes educational institutions and the humanities.

Keywords: Iconography; Far-right; Anticommunism.

Introdução

Este estudo propõe uma análise crítica da página de *Instagram* intitulada "Sociedade Ilustrada"¹, um espaço virtual que se dedica à produção de charges com forte viés ideológico

¹ Acesso para a página "Sociedade Ilustrada" disponível em: <https://www.instagram.com/sociedadeilustrada/>. Acesso em 10 de dez. de 2024.

alinhado às direitas. Fundada por um ilustrador autodenominado "Sr. Macaco", a página é notória por suas incisivas críticas a movimentos de grupos considerados minoritários, como LGBTQIA+ e feministas, além de seu marcado discurso anticomunista. Ao promover uma retórica que desqualifica e ridiculariza esses grupos, "Sociedade Ilustrada" utiliza a iconografia de suas charges para veicular mensagens que reforçam estereótipos pejorativos e preconceituosos. Ressalta-se que a página conta com pouco mais de 170 mil inscritos/seguidores, um número considerável de pessoas, perspectiva essa que nos levou à escolha do objeto de pesquisa.

A página não apenas se posiciona contra os movimentos de minorias, mas também endossa figuras e obras ideológicas da nova direita brasileira², como Olavo de Carvalho. Essas referências indicam uma clara influência da agenda conservadora que tem ganhado força no cenário político brasileiro, especialmente durante e após o governo de Jair Messias Bolsonaro. As charges analisadas neste estudo revelam uma crítica consistente ao feminismo, muitas vezes representando as mulheres de maneira depreciativa e reforçando ideias machistas. A análise das imagens permite identificar como as representações visuais são utilizadas para sustentar narrativas de superioridade masculina e deslegitimar as reivindicações feministas.

Além disso, a página ataca frequentemente as universidades públicas, associando-as ao comunismo e à doutrinação ideológica. Esta visão é alinhada com a retórica bolsonarista que desqualifica as instituições de ensino superior, rotulando-as como centros de "marxismo cultural". A representação gráfica das universidades como "máquinas comunistas" que fazem "lavagem cerebral" em seus estudantes é um exemplo claro de como a "Sociedade Ilustrada" utiliza a arte para promover uma visão distorcida e negativa das instituições de ensino, elemento que está atrelado aos ataques promovidos contra os professores da educação básica também, como é o caso do movimento Escola Sem Partido, que segundo Fernando Penna (2017), apresenta um discurso "bastante explícito: a afirmativa constante de que nenhum pai é obrigado a confiar no professor" (Penna, 2017, p. 38).

Neste contexto, a pesquisa visa não apenas descrever, mas também interpretar os significados subjacentes às representações visuais encontradas nas charges da página "Sociedade Ilustrada". Ao contextualizar essas imagens dentro do cenário político e social contemporâneo, este estudo busca entender como a iconografia e a linguagem visual são mobilizadas para sustentar narrativas ideológicas específicas. A análise se fundamenta na

²Itamar Freitas e Karl Schurster, definem o termo "novas direitas" como uma expressão que designa atores políticos, individuais e coletivos, suas ações, valores e símbolos constitutivos, questionando sua real novidade em relação a contextos e declarações específicas. Estudos recentes analisam essa temática, especialmente no Brasil, marcados por eventos como as eleições presidenciais de 2014, o impeachment de Dilma Rousseff e a ascensão de Jair Bolsonaro. Entre 2014 e 2022, mais de 550 teses e dissertações abordaram categorias relacionadas, sendo apenas 3% focadas na "nova direita". Este estudo se baseia nesse recorte, complementado por artigos e livros, para propor caminhos interpretativos sobre os significados e impactos desse fenômeno político.

teoria crítica da comunicação e nos estudos de mídia, utilizando como base teórica autores como Peter Burke (2017), que destaca a importância das imagens como evidências históricas, e Roberto Leher (2019), que analisa o impacto do discurso autoritário sobre a educação pública. Assim, este trabalho contribui para a compreensão das dinâmicas de poder e ideologia presentes na produção e disseminação de conteúdos visuais em redes sociais.

Para realizar essa pesquisa, utilizamos como fonte a referida conta intitulada “Sociedade Ilustrada”, do *Instagram*, que reúne diversas charges com ataques misóginos, homofóbicos e anticomunistas, demonstrando um viés de caráter direitista. Para analisar as charges, apoiamos-nos em obras bibliográficas de autores que dialogam com a temática pretendida, como Erwin Panofsky (1991), historiador da arte alemão, conhecido por seu trabalho em iconografia e iconologia, que formulou métodos de interpretação de imagens e símbolos na arte. Sua contribuição para a análise de charges, embora não tão diretamente voltada para esse campo específico, pode ser aplicada de forma produtiva graças aos seus métodos de análise.

Rodrigo Patto Sá Motta (2000) também deixa uma significativa contribuição para analisarmos as charges, principalmente no que diz respeito ao anticomunismo propagado pela página “Sociedade Ilustrada”. Motta nos oferece uma vasta análise a respeito do espectro vermelho. O estudo de Roberto Leher (2019), por sua vez, possibilita uma análise importante no que tange ao ataque das direitas ao conhecimento científico e, sobretudo, às universidades. No primeiro tópico, abordaremos a análise baseada no uso de charges para atacar movimentos feministas e LGBTQIA+, enquanto no segundo será feita uma investigação das charges que atacam as universidades e Paulo Freire. Por fim, a dedicação do chargista ao disseminar charges anticomunistas.

A pesquisa proposta oferece uma contribuição significativa para o campo historiográfico ao analisar criticamente a produção de charges com viés ideológico conservador, liberal e de direita. Ao estudar as charges de “Sociedade Ilustrada”, a pesquisa documenta um aspecto específico da produção cultural contemporânea que reflete e influencia as dinâmicas sociais e políticas atuais. Charges são uma forma de arte visual que comunica ideias complexas de maneira concisa e impactante, tornando-as uma fonte valiosa para entender o pensamento e as atitudes prevalentes em determinado período histórico. A análise das charges dentro do contexto político e social contemporâneo, especialmente em relação à ascensão da nova direita no Brasil e ao governo de Jair Bolsonaro, oferece uma compreensão aprofundada das forças políticas e culturais em jogo. Isso ajuda a situar as representações visuais dentro de um quadro mais amplo de transformação social e política.

O uso de charges para atacar movimentos feministas e LGBTQIA+

A página da rede social do *Instagram*, intitulada “Sociedade Ilustrada”, dedica seu trabalho nesse espaço virtual com a construção de charges para combater movimentos de minorias (como LGBTQIA+, feministas, etc.), o comunismo e aqueles que o criador da página identifica como “de esquerda”. A página se apresenta com um viés ideológico conservador, e de direita. Não é à toa que nos destaques da própria página se encontram sugestões de leituras, como a indicação de obras de um dos principais ideólogos da nova direita brasileira, Olavo de Carvalho.³ Nota-se a influência de Olavo de Carvalho na direita contemporânea brasileira, e conforme Jorge Chaloub (2021), “os textos de Carvalho articulam um eclético repertório de ideias das direitas e ultradireitas norte-americanas, europeias e brasileiras” (Chaloub, 2021, p. 82). Chaloub analisa que Carvalho escrevia textos de viés conservador também, além de corroborar com as direitas, tanto que ao se manifestar “sobre gênero e sexualidade, papel do Estado na promoção de políticas sociais, desigualdades sociais, segurança pública e drogas, dentre outros temas centrais da ultradireita contemporânea, é explícita a presença de linguagens políticas do campo do conservadorismo” (Chaloub, 2021, p. 90).

A influência de Olavo de Carvalho na formação do pensamento conservador brasileiro contemporâneo é evidente, sendo possível identificar, na página “Sociedade Ilustrada”, a ressonância de seu discurso. Por meio das charges, a página reforça posicionamentos que dialogam com temas centrais da agenda conservadora, como o combate a pautas progressistas e a promoção de uma visão crítica em relação à esquerda. Dessa forma, a análise da página evidencia não apenas a adoção de um viés ideológico conservador, mas também a apropriação de elementos discursivos articulados por Carvalho, consolidando a influência deste ideólogo na construção das narrativas políticas e culturais que sustentam a nova direita no Brasil.

Em um *post* na página, o chargista que assina como “Sr. Macaco” se descreve como “o ilustrador de direita mais odiado do Brasil e desempregado”⁴. Além de Olavo de Carvalho, podemos encontrar sugestões de obras como *Guia de bolso contra mentiras feministas*⁵, da deputada estadual de Santa Catarina, Ana Caroline Campagnolo, filiada ao Partido Liberal (PL)⁶,

³Destaque que indica obras de Olavo de Carvalho. Disponível em: https://www.instagram.com/s/aGlnaGxpZ2h0OjE3OTY0NzE0NjcxMTA1NDM0?story_media_id=3002751710619148766_53307065267&igsh=MTg4b3hmd2FsenNxYg==. Acesso em 25 de mar. de 2024.

⁴Post em que o chargista se denomina como ilustrador de direita. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CrrpVa2Nn8v/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==. Acesso em 13 de abr. de 2024

⁵Destaque que indica a obra “*Guia de bolso contra mentiras feministas*”, de Ana Campagnolo. Disponível em: https://www.instagram.com/s/aGlnaGxpZ2h0OjE3ODU1NjI5NjQ5OTIxMDk2?story_media_id=3052527859033604028_53307065267&igsh=MWhlcHlxaDcxdzlpaQ==. Acesso em 25 de mar. de 2024.

⁶A Deputada Ana Caroline Campagnolo apareceu nos noticiários em meados de 2016, quando ela processou a sua ex-orientadora selecionada para participar da banca avaliadora de sua dissertação de mestrado. Campagnolo se dizia perseguida ideologicamente. Além disso, a então Deputada se declara abertamente como “antifeminista, conservadora, cristã e de direita”, e icentiva a denúncia do que ela chama de “professores doutrinadores”, uma forma de ataques à educação e aos professores.

mesmo partido do ex-presidente Jair Bolsonaro. Esse ataque a grupos feministas, ocorrentes no Brasil e no mundo, reflete um alinhamento ideológico que se opõe frontalmente ao feminismo e a outros movimentos progressistas, e, como destaca Mônica Catarina Soares, “a ideologia de gênero tem sido a nomenclatura anti-intelectual, por excelência, usada contra o feminismo” (Soares, 2021, p. 83).

Esta primeira charge a ser analisada (figura 1) remonta a uma crítica ao feminismo e também ao filme *Barbie*, pois, embora a Barbie tenha sido criticada no passado por promover estereótipos de gênero e padrões de beleza irreais, o filme mais recente, lançado no ano de 2023, tem buscado abordar questões sociais de maneira mais consciente e progressista, além de trazer ideias do campo feminista, em que a atriz protagonista, Margot Robbie, aborda o machismo na sociedade contemporânea.



(Figura 1: Disponível em https://www.instagram.com/p/Cu51krSNRI3/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==)

Na primeira imagem, à esquerda na charge, notamos que ao comentar que “o feminismo não quer igualdade”, o chargista associa um trabalho braçal (como podemos ver uma mulher segurando uma britadeira e com Equipamentos de Proteção Individual - EPIs), considerado pesado, tanto para homens quanto para mulheres, com a ideia de que as mulheres não querem esse tipo de serviço por exigir bastante da força física. Essa ideia machista é predominante na contemporaneidade. Ao analisar o machismo discursivo, Antônio Barros e Elisabete Busanello (2019) comentam que “a linguagem é portadora do poder de construir representações simbólicas sobre o mundo social” (Barros; Busanello, 2019, p. 2). A misoginia, entendida como a aversão, desprezo ou discriminação sistemática contra as mulheres, é um elemento recorrente

nas extremas direitas e também nos fascismos clássicos e contemporâneos, como analisam Francisco Carlos Teixeira da Silva e Karl Schurster (2022).

Nos regimes fascistas do início do século XX, como o de Benito Mussolini na Itália e de Adolf Hitler na Alemanha, a misoginia se manifestou de maneira explícita. A mulher era idealizada como "mãe da nação", confinada ao papel de reprodutora e educadora das futuras gerações. Esse ideal excluía as mulheres do espaço público e político, negando-lhes direitos civis e a possibilidade de atuação plena na sociedade. Políticas públicas desses regimes incentivaram o retorno das mulheres ao lar, promovendo, por exemplo, incentivos para famílias numerosas e proibindo o trabalho feminino em várias áreas. Nos movimentos fascistas contemporâneos, a misoginia assume formas adaptadas aos tempos atuais, mas ainda carregando as marcas do conservadorismo extremo e da negação da igualdade de gênero. A retórica desses movimentos frequentemente se volta contra o feminismo, que é demonizado como uma ameaça à "ordem natural". A figura da mulher emancipada é atacada, enquanto os papéis tradicionais de gênero são glorificados como pilares da estabilidade social.

Na obra *Passageiros da Tempestade*, Silva e Schurster (2022) exploram os traços autoritários e reacionários que perpassam as formas de fascismo ao longo do tempo. A misoginia, nesse contexto, é apresentada como um elemento estruturante desses movimentos, sendo instrumental para a manutenção de uma ordem social autoritária e excludente. A obra permite compreender como o antifeminismo não é um simples subproduto dos fascismos, mas um elemento integrado ao projeto de dominação que permeia essas ideologias. Os autores entendem que os fascismos contemporâneos se relacionam com os fascismos históricos por meio de sua linguagem e mesmo invocação do passado (Silva; Schurster, 2022, p. 156). Entendemos que grupos políticos de extrema direita, carregando uma herança fascizante, acabam reproduzindo os mesmos discursos e perspectivas ideológicas.

Na figura do lado direito, onde uma mulher está vestida de rosa com o título "o feminismo quer superioridade", com o símbolo do sexo feminino cravado como estampa no meio da camisa, vê-se também a representação da vestimenta da mulher na charge. Podemos entender que o chargista critica o movimento feminista associando-o à ideia de que o feminismo faz com que as mulheres utilizem roupas curtas, no sentido pejorativo, sem considerar que tais atos fazem parte de uma conquista feminina desde a década de 1930 e hoje isso é visto como forma de objetificar e sexualizar a mulher. Uma idealização considerada machista, se analisarmos o pensamento de Simone de Beauvoir (1980), na qual a autora comenta que a explicação reside na percepção do corpo masculino como integrado de forma natural ao mundo, enquanto o corpo feminino é sobrecarregado por suas especificidades, sendo visto como um obstáculo, uma restrição.

Valcelene Pereira e Tânia Cunha (2018) destacam que,

partindo da importância que os enunciados mediáticos têm sobre a sociedade, as representações femininas por meio do figurino das personagens, especificamente, sob o ethos de “periguete” ou utilização de roupas curtas e decotadas nas telenovelas e filmes, afetam as percepções do público, sendo capaz, dessa forma, de intensificar o pensamento machista já existente que culpabiliza a mulher pela agressão sofrida (Pereira; Cunha, 2018, p.3).

Além do mais, também podemos ver que a mulher na charge acima segura um homem pela coleira e, mais abaixo, tem-se um pote de ração com a frase “manso” cravada no pote. O adjetivo “manso” enfatiza a ideia de submissão ou resignação diante da infidelidade. No contexto brasileiro, essa expressão é geralmente usada de forma jocosa ou depreciativa para criticar um homem que é considerado fraco ou desrespeitado dentro de um relacionamento.

A expressão facial no rosto da imagem do lado esquerdo também mostra diferenças com a figura do lado direito. Enquanto do lado direito a expressão aparenta uma normalidade, a da figura oposta nota-se através das sobrancelhas, que é frequentemente associada a personagens ou indivíduos que estão tramando algo ruim, demonstrando antipatia ou maus intentos. As sobrancelhas inclinadas para baixo podem criar uma sensação de intensidade, desagrado ou ameaça, contribuindo para a percepção de um caráter maléfico na face de uma pessoa.

É nesse sentido que consideramos importante analisar criticamente as iconografias que estão aqui neste texto. Peter Burke (2017) comenta que as “imagens, assim como textos e testemunhos orais, são uma forma importante de evidência histórica. Elas registram atos de testemunho ocular” (Burke, 2017, p. 25). Ao examinarmos as iconografias com um olhar crítico, somos capazes de desvendar camadas de significado subjacentes e entender as narrativas que elas representam. Cada imagem é uma janela para o passado, oferecendo-nos vislumbres de contextos culturais, políticos e sociais específicos.

Na figura 2, o autor ataca um outro grupo minoritário: os membros do grupo LGBTQIA+. Se analisarmos a primeira imagem à esquerda da charge, o autor coloca um homem com os estereótipos de um lenhador, com um machado na mão e com barbas grandes, e a seguinte frase: “Preciso ser exemplo para a minha família. Farei de tudo para não faltar nada dentro de casa”. A imagem do lenhador forte e trabalhador tornou-se um símbolo da cultura estadunidense, enraizada em contos populares, canções folclóricas e mitos do Oeste Americano. Personagens como Paul Bunyan e Johnny Appleseed contribuíram para a disseminação dessa figura lendária.

Enquanto a charge pelo lado direito diz: “Eu odeio esse mundo machista e patriarcal que oprime nós mulheres”. Destarte, a figura que está sendo representada no lado direito faz alusão a um membro do grupo LGBTQIA+, com o objetivo de ironizar e menosprezar indivíduos

homoafetivos. Podemos notar esses traços na própria vestimenta, cabelo e barba, além da tatuagem que o chargista da “Sociedade Ilustrada” propõe.



(Figura 2: Disponível em

https://www.instagram.com/p/ClxawU9N1zH/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA
==)

A charge também destaca no subtítulo, dividindo as imagens, em “homens de antigamente”, com “homens atualmente”. Essa característica de fascínio do passado para criticar a contemporaneidade pode ser entendida com base em Raoul Girardet (1987), que analisa o fato de grupos verem o presente como um tempo de degeneração, frequentemente culpando processos como a industrialização, o progresso tecnológico, a globalização ou movimentos sociais contemporâneos por uma suposta perda de valores essenciais. A modernidade é percebida como o dismantelamento de tradições consideradas fundamentais. O passado é descrito como um momento idealizado, frequentemente simplificado e desprovido de complexidades históricas reais. Essa glorificação seria seletiva e reconstruiria o passado de maneira que sirva aos objetivos ideológicos do presente.

Dessa forma, podemos ver tais análises iconográficas com o auxílio iconológico dos estudos de Erwin Panofsky (1991), que diz que esses documentos fornecem um entendimento mais profundo da obra em análise, resultando em declarações mais precisas. Em vez de apenas coletar documentos icônicos, o iconólogo os interpreta com discernimento e avaliação crítica. O discernimento, ou juízo, que Panofsky (1991) denominou "síntese recriativa", envolve examinar imagens que não são necessariamente artísticas, ou seja, não devem ser exclusivamente consideradas como tal. Ao sintetizar essas várias imagens, o historiador reconstrói a imagem artística que está sendo interpretada. Portanto, ao relacionar o desenvolvimento dessa percepção histórica com a introdução da perspectiva, Panofsky (1991) sugeriu uma analogia

entre eventos artísticos e históricos, sugerindo uma interligação fundamental para sua interpretação.

Ataque às universidades e a Paulo Freire

Neste tópico, será abordada a análise do anticomunismo presente nas charges disseminadas pela página “Sociedade Ilustrada” nas redes sociais. Sabemos que os grupos de extrema direita, especificamente no Brasil, com Jair Bolsonaro, abordam “o discurso moralista, antiaborto, anticomunismo e o uso de trechos bíblicos, [...] bases que serviram para construir o bolsonarismo.” (Silva, 2023, p. 378). A página faz ataques a órgãos públicos, como é o caso das universidades, colocando as instituições como comunistas, como é mostrado na figura 3. Inclusive, alguns ataques foram feitos contra as universidades públicas sob a denúncia de um suposto “marxismo cultural”. Segundo Leonardo Carnut e Cristiano Gil Reis (2022), o marxismo cultural no Brasil tem como alguns de seus difusores “Olavo de Carvalho, além de Marcel Van Hattem, o Instituto Liberal, Rodrigo Constantino do Instituto Millenium, os proponentes da mobilização ‘Escola sem Partido’, o padre católico Paulo Ricardo” (Carnut; Reis, 2022, p.4). Podemos notar aqui, mais uma vez, algumas ideias de Olavo de Carvalho sendo uma referência para os administradores da página.

Essa retórica serve para mobilizar grupos sociais em momentos de crise, oferecendo soluções simplistas e irracionais, e o "marxismo cultural" é um exemplo disso, sendo utilizado para descrever a suposta disseminação e dominação do marxismo no mundo. Na essência, essa teoria não passa de uma estratégia para simplificar complexidades sociais e políticas, direcionando o foco para um bode expiatório conveniente. O aumento de seu uso no Brasil reflete uma estratégia da direita para fortalecer sua base e consolidar seu poder, alimentando percepções de ameaças externas e subversão ideológica.



(Figura 3: Disponível em

https://www.instagram.com/p/CuvkgGjNaPl/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA=
 ≡)

O chargista tenta mostrar que as pessoas entram “normalmente” na universidade federal (como é mostrado com um personagem de camisa amarela), que é retratada como uma máquina comunista, como percebemos pelo símbolo clássico da foice e martelo, além da cor vermelha e, também, da figura do rosto de Karl Marx acima. Vale ressaltar que Marx é retratado de forma demoníaca, ao visar os chifres na figura que o representa. Dentro da máquina, vemos olhos vermelhos parecidos com os de monstros, sugerindo uma descrição de olhos que têm uma aparência intensa, possivelmente assustadora e perturbadora, semelhante aos olhos de um monstro em desenhos animados. Essa demonização do comunismo é uma estratégia retórica empregada pelas direitas, pelo menos desde o período imediatamente posterior à Revolução Russa de 1917.

Nessa perspectiva, Lená Medeiros de Menezes (2019), em sua obra *Tramas do mal: imprensa e discursos de combate a Revolução (1917-1921)*, traz a ideia de que a oposição aos direitos das mulheres e à emancipação feminina é frequentemente articulada como parte de uma defesa mais ampla dos "valores tradicionais". Esse tema se mostra recorrente não apenas no combate ao socialismo revolucionário, mas também em diversos outros momentos históricos em que as mudanças nas relações de gênero desafiaram o *status quo*. No caso específico da imprensa analisada no livro, percebe-se como as críticas à liberdade sexual feminina eram instrumentalizadas para reforçar narrativas que conectavam o comunismo à anarquia e ao colapso das bases da civilização ocidental. Essa construção ideológica, ao demonizar tanto as mulheres quanto o comunismo, buscava mobilizar o medo e a rejeição popular, alinhando a sociedade às agendas conservadoras.

Podemos analisar na charge também que, ao entrar no maquinário comunista, representado pelas universidades federais, o indivíduo tem seu cérebro retirado (como mostra a figura 3) e jogado fora. Depois, notamos que ao passar pela máquina comunista, ou pela universidade federal, irá automaticamente apoiar o governo e a figura de Luiz Inácio Lula da Silva, além de defender o socialismo, como é retratado nos balões dos personagens da figura. O chargista faz uma crítica em relação às universidades, que deveriam ser de qualidade, mas pelo contrário, é um ambiente comunista, que se fazem petistas e deixam as pessoas sem cérebros (como demonstra no canto direito da charge).

Na obra *Autoritarismo contra a universidade: O desafio de popularizar a defesa da educação pública*, Roberto Leher (2019) comenta que Jair Bolsonaro “direcionou grande parte de suas poucas palavras para atacar as universidades públicas e a educação pública em geral” (Leher, 2019, p. 25). Ao analisar o comportamento político e a questão de gênero durante a eleição de Bolsonaro, em 2018, José Gomes e Jairo Filho (2019) já alertavam que o ex-presidente acumulava “durante sua carreira política, frases polêmicas que insinuam percepções retrógradas sobre a condição das mulheres e dos homossexuais na sociedade. Frente a tais enunciados, muitas pessoas, no Brasil e no exterior, reconhecem traços machistas e homofóbicos na personalidade de Bolsonaro” (Gomes; Filho, 2019, p. 81).

A página “Sociedade Ilustrada” carrega esses traços machistas e homofóbicos, disseminados por meio de charges. Além desse viés preconceituoso, há o uso de uma retórica anticomunista e antimarxista, na qual tais discursos são associados às universidades públicas. Leher (2019) relata que Bolsonaro “atribuiu às universidades públicas um lugar de doutrinação ideológica, de predominância do que a ultradireita estadunidense denominou como ‘marxismo cultural’, uma proposição fantasmagórica, adjetivando, pejorativamente, as humanidades” (Leher, 2019, p. 25).

Percebe-se, então, uma identidade política e ideológica da página alinhada com pautas bolsonaristas, que fez uma campanha difamatória contra as universidades públicas em meio às eleições de 2018. Essa postura alinhada com as pautas bolsonaristas revela uma estratégia política de desqualificação e deslegitimação das universidades públicas e da educação em geral. Ao associar as instituições de ensino superior à suposta disseminação do que é rotulado como “marxismo cultural” e “doutrinação ideológica”, o discurso bolsonarista busca minar o apoio e a confiança da população nessas instituições, ao mesmo tempo em que promove uma agenda de desmonte e privatização do ensino público.⁷

⁷Podemos atrelar como um dos impactos desse discurso aos investimentos do governo Bolsonaro na educação, sendo esta, uma das áreas mais afetadas por cortes orçamentários desde 2019. A pasta da educação é citada como uma das mais prejudicada pelos cortes e congelamentos orçamentários do governo federal durante a gestão de Jair Bolsonaro. Segundo o portal “DW”, às vésperas do primeiro turno das eleições presidenciais, por exemplo, o governo anunciou um bloqueio de R\$ 2,4 bilhões do orçamento deste ano do MEC. O valor soma os cortes anunciados em julho e agosto, de R\$ 1,34

Essa retórica, além de contribuir para a polarização política no país, também alimenta preconceitos e estigmas em relação às áreas das humanidades e ciências sociais, frequentemente rotuladas como sendo ideologicamente tendenciosas ou irrelevantes, além de associar os estudantes da área de Humanas com o uso de drogas ilícitas, o que reforça ainda mais o preconceito com as humanidades e as esquerdas. No entanto, essa visão simplista e pejorativa desconsidera a importância dessas disciplinas na formação de cidadãos críticos e conscientes, capazes de compreender e questionar os diversos aspectos da sociedade.

Ao destacar a disseminação dessas visões preconceituosas e difamatórias através de charges na página "Sociedade Ilustrada", fica evidente como a mídia e as redes sociais são utilizadas como ferramentas de propaganda e manipulação ideológica, contribuindo para a disseminação de discursos discriminatórios e intolerantes. Nesse contexto, torna-se fundamental resistir a essas narrativas e defender o papel fundamental das universidades públicas e da educação na promoção do conhecimento, da diversidade e da justiça social.

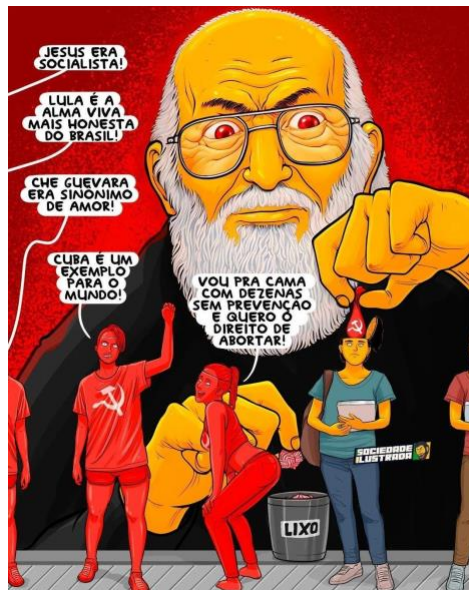
Grupos de extrema direita frequentemente atacam também a figura de Paulo Freire, que contribuiu significativamente para a educação brasileira, que tem como um de seus feitos promover

uma revolução epistemológica que consistia numa metodologia de alfabetização baseada em palavras geradoras surgidas da linguagem cotidiana da comunidade, nos círculos de cultura, através de um processo que definiu como “pesquisa 199 do universo vocabular”, abrangendo palavras do cotidiano, ditados e canções populares. Através da problematização de situações existenciais, elaboradas na imersão de problemáticas existentes (temas e palavras geradoras), os trabalhadores ampliavam o processo de investigação da realidade com propensão crítica (Leher, 2019, p. 198).

Paulo Freire é, frequentemente, atacado pela extrema direita por causa de suas ideias e abordagens pedagógicas que desafiam os sistemas tradicionais de ensino e defendem uma educação crítica e libertadora, algo bastante criticado por defensores do Escola Sem Partido. Na figura 4, podemos ver a crítica do chargista e a associação de Freire ao comunismo. Rafael Ferreira e Jorge Hermindo (2021) analisam que “o pensamento de Freire se revela como um condutor revolucionário que desvela a importância da educação a favor da emancipação dos sujeitos que vivem à margem da sociedade” (Ferreira; Hermida, 2021, p. 59). Olavo de Carvalho, conservador e ideólogo da chamada nova direita brasileira, também utilizava um discurso contra Paulo Freire.

bilhão, e em setembro, de 1,059 bilhão. Considerando apenas o bloqueio de universidades e institutos federais de ensino, a redução prevista era de R\$ 329 milhões. Somada ao montante que já havia sido bloqueado no decorrer deste ano, o orçamento previsto para 2022 foi diminuído num total de R\$ 763 milhões.

Olavo de Carvalho, filósofo e influenciador digital, que vive nos Estados Unidos desde 2005 e ministra cursos de filosofia transmitidos por vídeos na Internet é uma figura que vai ganhar notoriedade nesse contexto do movimento direitista. A sua posição ideológica de extrema direita e neoconservadora irá influenciar os seus discípulos nos ataques ao governo do PT e ao legado de Paulo Freire. Na sua rede social, no dia 01 de agosto de 2017, ele expõe um comentário sobre o livro “Desconstruindo Paulo Freire”, organizado por Thomas Giulliano Ferreira dos Santos. Olavo afirma que “o livro responde à necessidade, urgente de reduzir às suas verdadeiras dimensões o personagem que recebeu do governo petista o título de “patrono da educação brasileira” precisamente por nunca ter educado ninguém” (Ferreira; Hermida, 2021, p.61).



(Figura 4: Disponível em:

https://www.instagram.com/p/CrtyMZlr8ma/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA=

≡)

Na charge 4, vê-se a imagem de Paulo Freire com olhos vermelhos, que remete ao maligno, retirando os cérebros dos estudantes, colocando no lixo e logo em seguida, adicionando uma sacola com o símbolo da foice e do martelo, representando ideias comunistas no lugar do cérebro. Na parte esquerda da imagem, nota-se indivíduos já com as ideias comunistas aplicadas, em que o chargista faz críticas de teor conservador, com a frase: “vou pra cama com dezenas sem prevenção e quero o direito de abortar”, associando ideias comunistas a ideologias pró-aborto, além de criticar aqueles que são a favor do aborto. No artigo *Direito ao aborto no Brasil: acirramento das disputas entre o movimento conservador e o feminismo anticapitalista*, Arelys Borrego e Ana Ferraz (2023) destacam a importância de “contextualizar os ataques do governo Bolsonaro aos direitos das mulheres e, especificamente, aos direitos sexuais e reprodutivos, como uma reação à potência do movimento feminista no país” (Borrego; Ferraz, 2023, p.181). É válido destacar que a pauta anti-aborto é cara ao conservadorismo cristão, algo não restrito somente ao Brasil.

Outras frases, como "Jesus era socialista", "Lula é a alma viva mais honesta do Brasil", "Che Guevara era sinônimo de amor" e "Cuba é um exemplo para o mundo", são utilizadas para ridicularizar e distorcer os ideais do comunismo, bem como para atacar Paulo Freire, associando-o de forma equivocada a essas figuras e ideologias. Essas frases são frequentemente utilizadas de maneira simplista e deturpada para desacreditar tanto o comunismo quanto os defensores de uma educação crítica e libertadora, como é o caso de Freire. No entanto, essas associações simplistas ignoram a complexidade das ideias e dos contextos históricos por trás de cada figura mencionada, contribuindo para um discurso polarizado e desinformado sobre questões políticas e sociais.

As charges da “Sociedade Ilustrada” e a iconografia anticomunista

A iconografia anticomunista se refere ao conjunto de imagens, símbolos e representações visuais criadas e utilizadas para promover uma visão negativa do comunismo e dos regimes comunistas. Cores vermelhas são frequentemente usadas na iconografia anticomunista para evocar uma sensação de perigo, violência ou opressão associada ao comunismo. Imagens de fogo, caos e destruição também são comuns, representando a visão anticomunista de que o comunismo leva à desordem e à ruína. Durante a Guerra Fria, a iconografia anticomunista foi amplamente utilizada como parte da propaganda política para promover a luta contra o comunismo. Isso inclui cartazes, quadrinhos, filmes e outros meios de comunicação que retratavam os comunistas como uma ameaça existencial aos valores democráticos e ao modo de vida ocidental.

Em algumas representações anticomunistas, o comunismo é retratado como “ditatorial, ateu, imoral, assassino e diabólico o comunismo também traria miséria e exploração aos infelizes povos que caíam sob suas garras” (Motta, 2000, p.104). Isso pode incluir imagens de igrejas sendo destruídas, símbolos religiosos profanados e líderes comunistas retratados como anticristãos. Na imagem 5, a ser analisada, o chargista coloca o presidente Lula lado a lado e de mãos dadas com o satã. Vale destacar o fundo da imagem, em que aparecem as cores vermelho e amarelo, o que parece remeter ao inferno, fazendo assim uma analogia de que Lula é um político diabólico e faz até pacto com o diabo.

Essa questão pode ser atrelada à identidade religiosa do povo brasileiro, que segundo os dados fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010, em que consta que 86,8% dos brasileiros se declararam cristãos, sendo 64,6% católicos e 22,2% evangélicos⁸. Nesse sentido, podemos entender o motivo da demonização do comunismo e de

⁸Editoria: Estatísticas Sociais: Censo 2010: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião, online, 29 de jun. de 2012. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia->

políticos de esquerda, retórica muitas vezes utilizada pelas direitas justamente pelo fato de a maioria da sociedade ser cristã. Essa associação se baseia na construção de narrativas que vinculam o comunismo e a esquerda a valores considerados antagônicos aos princípios cristãos. Assim, essas retóricas exploram o imaginário religioso para reforçar medos e preconceitos, consolidando o apoio de parcelas significativas da população a projetos políticos alinhados às direitas.



(Figura 5: Disponível em

https://www.instagram.com/p/CjUDnJmtFqi/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFiZA=
≡)

Ao analisar o Imaginário Anticomunista em sua tese de doutoramento, Rodrigo Patto Sá Motta (2000) comenta que já “chegou-se a operar a associação comunismo=demônio, na medida em que a revolução foi vituperada como encarnação do ‘mal absoluto’” (Motta, 2000, p.72). O autor coloca que

O demônio, encarnação do mal, desde o início dos tempos (pecado original) vinha tentando o homem e provocando perturbações para enfraquecer as forças do bem, capitaneadas pela Igreja de Deus. A provação final seria o comunismo, última artimanha engendrada pelo “antigo tentador” para desviar o homem do bom caminho (Motta, 2000, p. 74).

Esse anticomunismo analisado pelo autor é derivado do propagado pela Igreja Católica no século XX, porém, Motta (2000) ressalta que “a associação entre comunismo e demônio não foi uma característica exclusiva do discurso católico” (Motta, 2000, p. 75). Na imagem 5, podemos analisar também que há uma frase destacada, intitulada “juntos pela venezuelização do Brasil”. Lula e o satã, aparentemente amigáveis na imagem, estariam tramando algo, se nota pelo olhar e sorriso dos personagens, para transformar o Brasil em uma Venezuela, discurso

utilizado veementemente pela direita brasileira durante as campanhas de 2018 e 2022 de Jair Bolsonaro. Na interpretação visual, o olhar e o sorriso podem ser ferramentas poderosas para comunicar uma ampla gama de emoções e intenções. Se os personagens em uma imagem parecem aparentemente amigáveis, mas seus olhares e sorrisos sugerem algo mais, isso pode criar uma tensão intrigante e levantar questões sobre o que está acontecendo nos bastidores.

As direitas utilizam desse recurso retórico de teorias da conspiração. Podemos compreender essa toada por meio da estrutura do mito da conspiração, abordado por Raoul Girardet (1987), de ser considerada uma fábula ou narrativa construída a partir de imagens detratoras e negativas que designam os inimigos sociais. Os elementos que geralmente permeiam essa narrativa mito-política da conspiração têm como eixo central o segredo, a delação, a espionagem, a chantagem, a sabotagem, o aliciamento e as redes de controle e informação infiltradas no tecido social (Girardet, 1987).

A expressão “o Brasil vai virar uma Venezuela” ganhou destaque nos últimos anos, uma tendência que emergiu no discurso público no cenário brasileiro. Embora tenha sido menos proeminente na campanha eleitoral de 2022 e tenha diminuído sua influência desde a última corrida eleitoral, na qual Bolsonaro superou o ex-ministro Fernando Haddad (PT), em 2018, o ex-presidente continuou a adotar uma estratégia semelhante. Ele sugere que, caso Lula seja eleito, o Brasil poderia enfrentar desafios comparáveis aos vivenciados por seu país vizinho.⁹

Chagas, Modesto e Magalhães (2019), ao analisarem os enquadramentos desses discursos nas redes sociais, colocam que “as menções à Venezuela como exemplo de governo de esquerda mal-sucedido são empregadas de maneira metafórica e generalizante [...] correspondente à ideia de uma nação em crise econômica e política severa em função de políticas adotadas pelo governo de esquerda” (Chagas; Modesto; Magalhães, 2019, p. 6).

Entretanto, esse discurso não é nenhuma exclusividade de Bolsonaro. A retórica tem sua origem na “campanha presidencial de 2002, quando o então candidato José Serra repercutiu na mídia” (Chagas; Modesto, Magalhães, 2019, p. 6). Da mesma forma, o discurso anticomunista também não é exclusividade da atual direita brasileira e tem sido utilizado por diversos grupos políticos. Na figura 6, podemos ver novamente a associação de uma representação do demônio ao Lula. Motta (2000) também destaca a “existência de um anticomunismo de esquerda, que seria presença marcante nos Estados Unidos e Europa” (Motta, 2000, p. 32), embora tenha sido residual no Brasil.

⁹O antagonista. Disponível em: https://oantagonista.com.br/videos/bolsonaro-ataca-lula-no-tiktok-e-repete-brasil-pode- virar-uma-venezuela-assista/#google_vignette. Acesso em: 11 de abr. de 2024.



(Figura 6: Disponível em https://www.instagram.com/p/CoSKZ31LYeC/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==)

Na charge, o autor faz uma referência bíblica, na qual coloca na primeira imagem o demônio segurando uma maçã, com a legenda “no Jardim do Éden”, fazendo associação do momento que é narrado na crença cristã em que Eva foi enganada pelo demônio. Naquela ocasião, travestido de serpente, o satã oferece a maçã para Eva, uma mulher aparentemente ingênua, que acaba sendo enganada pelo ser maligno. Na segunda imagem da charge, o demônio aparece segurando um pão, fazendo também uma referência bíblica, lembrando o momento em que Jesus está no deserto (inclusive a legenda da figura é “no deserto”), jejuando por 40 dias e noites no deserto da Judeia. Esse episódio da vida de Jesus é relatado nos evangelhos sinóticos (Mateus 4:1–11, Marcos 1:12,13 e Lucas 4:1–13).

Nota-se então que o demônio aparece nas duas ocasiões ilustradas pelo autor para enganar, de tal forma que acontece com o episódio de Eva no Jardim do Éden e com Jesus no deserto da Judeia. Na última figura da charge, o autor coloca satã segurando uma picanha, símbolo da campanha eleitoral de Lula em 2022. O título “no Brasil” faz referência a uma espécie de continuidade das enganações do demônio, que dessa vez está atrelado à figura de Lula. Ou seja, o autor quer passar a ideia de que a picanha tem a mesma representação e peso da maçã e do pão oferecidos pelo diabo. Essa narrativa pode ser interpretada como se Lula fosse um parceiro do ser maligno, ou até ele próprio.



(Figura 7: Disponível em

https://www.instagram.com/p/C05iKnLtVxM/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==)

Finalizando este tópico, vemos a charge 7, representando o mapa do Brasil com a cor vermelha e o símbolo do comunismo, onde mãos com as mangas da blusa verde e amarela representam políticos da direita do Senado Federal brasileiro, que são criticados pelo chargista de terem contribuído para a aprovação de Flávio Dino, magistrado, professor, ex-advogado e ex-político brasileiro, para o cargo de ministro do Supremo Tribunal Federal (STF). Inclusive, Sérgio Moro (União Brasil) foi um dos acusados pela direita de ter votado em Dino, embora o senador não tenha declarado e anunciado se o seu voto foi a favor ou contra.¹⁰

Ao que tudo indica na charge, o Brasil, entregue aos comunistas, está sendo repassado para uma criança. Essas mãos infantis podem ser interpretadas de duas maneiras. A primeira é que aqueles que representam o comunismo podem estar sendo tratados como infantis, sem maturidade e noção, o que resultaria numa gestão incompetente do país. A outra forma interpretativa é que o Brasil comunista estaria sendo entregue a uma futura geração do país, e a direita tem sua parcela de culpa nisso. Sendo assim, é uma crítica da charge à aprovação de Flávio Dino como ministro do STF e, sobretudo, uma crítica aos políticos que apoiaram, mostrando, então, certo descontentamento.

Considerações finais

¹⁰Moro rebate críticas e cita prerrogativa parlamentar para não divulgar voto sobre Dino no STF. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 14 dez. de 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/12/moro-rebate-criticas-e-diz-que-nao-divulgar-voto-sobre-dino-no-stf-e-prerrogativa-parlamentar.shtml>. Acesso em 13 de abr. de 2024.

A pesquisa que tem como fonte a página de *Instagram* "Sociedade Ilustrada" revela a complexidade e a importância das charges como veículos de comunicação e propaganda ideológica na sociedade contemporânea. Ao examinar criticamente as representações visuais produzidas por "Sr. Macaco", este estudo oferece uma compreensão aprofundada das estratégias iconográficas e iconológicas utilizadas para veicular mensagens conservadoras e de direita.

Ao situar essas charges no contexto histórico e político brasileiro recente, marcado pela ascensão da nova direita e pelo governo de Jair Bolsonaro, a pesquisa ilumina as maneiras pelas quais a arte visual pode ser instrumentalizada para desqualificar movimentos de minorias, atacar instituições de ensino e promover uma retórica anticomunista. A utilização dos métodos de Erwin Panofsky permite uma análise detalhada e rigorosa das imagens, desvendando os significados simbólicos e as narrativas ideológicas subjacentes.

Além disso, ao fundamentar-se em teorias críticas da comunicação e estudos de mídia, e ao dialogar com autores como Peter Burke, Rodrigo Patto Sá Motta e Roberto Leher, a pesquisa não só descreve, mas também interpreta e contextualiza as charges, proporcionando uma visão crítica sobre seu impacto social e cultural.

Este estudo contribui significativamente para o campo historiográfico ao documentar e analisar uma forma específica de produção cultural contemporânea, oferecendo insights valiosos sobre as dinâmicas de poder e ideologia presentes na sociedade brasileira atual. A pesquisa destaca a necessidade contínua de examinar criticamente as mídias visuais e seu papel na formação de atitudes e percepções públicas, reafirmando a relevância dos métodos iconográficos e iconológicos na análise de conteúdos visuais em redes sociais.

Portanto, este trabalho não apenas busca ampliar nosso entendimento sobre as funções e implicações das charges na esfera pública, mas também reforça a importância da análise crítica e contextualizada da produção cultural como um todo, contribuindo para a compreensão das complexas interações entre arte, política e sociedade.

Referências bibliográficas

BARROS, Antônio Teixeira de; BUSANELLO, Elisabete. Machismo discursivo: modos de interdição da voz das mulheres no parlamento brasileiro. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 27, n. 2, p. e53771, 2019.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo sexo**. v. I, II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BÍBLIA. Almeida Revista e Corrigida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

BORREGO, Arelys Esquenazi; FERRAZ, Ana Targina Rodrigues. Direito ao aborto no Brasil: acirramento das disputas entre o movimento conservador e o feminismo anticapitalista. **Germinal: marxismo e educação em debate**, Salvador, v.15, n.3, p. 177-194, dez. 2023.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica**. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

CARNUT, Leonardo; RÉGIS, Cristiano Gil. Ofensiva Burguesa em Tempos de Golpe: O 'Marxismo CultVocural' na Educação Brasileira. **Temporalis**, Brasília (DF), ano 22, n. 43, p. 109-122, jan./jun. 2022.

CHAGAS, Viktor; MODESTO, Michelle; MAGALHÃES, Dandara. O Brasil vai virar Venezuela: medo, memes e enquadramentos emocionais no WhatsApp Pró-Bolsonaro. **Esferas**, n. 14, p. 1-17, 13 ago. 2019.

CHALOUB, Jorge. Uma obra entre o reacionarismo e o conservadorismo: o pensamento de Olavo de Carvalho. **Revista Dois Pontos**, Curitiba, São Carlos, volume 19, número 2, p. 78-96, julho de 2022.

COWAN, Benjamim Arthur. A hemispheric moral majority: Brazil and the transnational construction of the New Right. **Revista Brasileira de Política Internacional**, Int., 61(2): e004, 2018.

FERREIRA, Rafael de Farias; HERMIDA, Jorge Fernando. Da autonomia ao aprisionamento: A faceta conservadora e os ataques ao patrono da educação brasileira. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 67, out./dez. 2021.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Editora Cia das Letras, 1987.

GOMES, José Vitor; FILHO, Jairo Barduni. Comportamento político e questão de gênero na eleição presidencial de 2018. **Revista de Discentes de Ciência Política da Universidade Federal de São Carlos**, São Carlos, Volume 7, Número 2, São Carlos, 2019.

GONZÁLEZ RUIZ, Édgar. **Cruces y Sombras: Perfiles del Conservadurismo en América Latina**. José de Costa Rica: Asociación Colectiva por el Derecho a Decidir, 2006.

JUNIOR, Marcelo Alves dos Santos. As Flutuações de Longo Prazo da Polarização no Brasil – Análise do Compartilhamento de Informações Políticas entre 2011 e 2019. **Dados**, Rio de Janeiro, vol.66 (2): e20200076, 2023.

LEHER, Roberto. **Autoritarismo contra a universidade: O desafio de popularizar a defesa da educação pública**. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, 2019.

MENEZES, Lená Medeiros de. **Tramas do Mal - Imprensa e Discursos de Combate - A Revolução (1917-1921)**. Editora Ayran, 2019.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o "perigo vermelho": o anticomunismo no Brasil (1917-1964)**. 2000. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. Acesso em: 11 abr. 2024.

PANOFSKY, Erwin. **Arquitetura Gótica e Escolástica**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

PEREIRA, Valcelene; CUNHA, Tânia. A roupa não define caráter: uma leitura midiática sobre o vestir feminino. **Anais do XX Encontro Internacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre Mulher e Relações de Gênero (REDOR) e 19º Simpósio Baiano de Pesquisadoras(es) sobre Mulher e Relações de Gênero**, Salvador, 2018. Disponível em: <https://www.sinteseeventos.com/site/redor/G12/GT12-15-Valcelene.pdf>

PENNA, Fernando de Araújo. **Escola "sem partido": esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira**. Org: Gaudêncio Frigotto. Rio de Janeiro : UERJ, LPP, 2017.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SCHURSTER, Karl. **Passageiros da tempestade: fascistas e negacionistas no tempo presente**. Companhia de Pernambuco, 2022.

SILVA, Gabriel Lopes. O carisma de Jair Bolsonaro: análise de um fragmento do bolsonarismo. **Revista Escrita da História**, Fomiga, Ano X, vol. 10, n. 19, jul./dez. 2023.

SOARES, Mônica Catarina. Feminismo à deriva? Sobre disputas reacionárias coetâneas do ideário feminista. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá. Edição especial - junho/2021. ISSN 1519.6186.

STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo: a política de nós e deles**. Nova Iorque: Random House, 2018.

Recebido em: 27/07/2024

Aprovado em: 10/03/2025